

CAPÍTULO V

Pré-adaptação de "antagonismos na estrutura da pessoa. — A defesa na estrutura da vontade.

Entretanto, nem sempre existe somente êsse sentido convergente para um mesmo resultado, entre os elementos descobertos pela análise. Já vimos, no cap. I.^o, que existem também antagonismos, que se equilibram nas manifestações da vida, ou se desequilibram na anormalidade, e na degeneração, ou ainda na moléstia. Tanto na ordem material, como na instintiva ou espiritual. O passado provavelmente colabora nesse equilíbrio de antagonismos; e essa pré-adaptação de antagonismos provavelmente é orientação para um resultado, mediante atualizações. Nesse caso, haveria uma finalidade (na acepção acima determinada), que seria duplamente condicionada pelas duas significações opostas: os elementos antagonônicos, atualmente causa e efeito reciprocamente, unificariam substancialmente a personalidade. Esse será, creio eu, o resultado da análise neste capítulo.

Comecemos, como sempre, pela observação e pela experiência. Esta primeira experiência é, ao mesmo tempo, observação, e participação: e isso somente poderá ser verificado no decorrer da análise, que parecerá longa, mas, na verdade, está resumida. É uma história de psicoterapia realizada há vários anos. Quando foi escrita, visava outro objetivo; pretendia demonstrar, contra Freud (conforme acentuei no prefácio), que as imagens do sonho, além da realização de desejos, muitas vezes sexuais, ainda deixam descobrir ou notar, ao mesmo tempo, em modificações dos detalhes emotivos, esboços estéticos inesperados, e influências as mais elevadas da inteligência e da vontade, e ainda uma aspiração moral criada pelo espírito. Por isso, vamos agora repetir, tal qual, a observação. Vamos deixar que o leitor acompanhe o estudo assim como êle foi elaborado naquela primeira ocasião. Relendo, nesse primeiro contacto, o leitor acompanhará as fases principais de um tratamento psicoterápico:

"Tratando-se do sonho de outrem, só seria completa a demonstração no caso de ser conhecida profundamente, pelo analista, a personalidade do cliente. E ainda nesse caso, a prova só para o analista contava. Para o leitor, era preciso que êste fôsse senhor das mesmas informações a respeito do sonhador e dos seus sonhos.

É, portanto, com estas ressalvas, que vou referir alguns sonhos duma cliente estrangeira, há seis anos residente em Porto Alegre. Era portuguesa, casada com italiano. Sofrera de dores pélvicas devidas a uma congestão e leve anexite, mal tratada. Daí lhe veio uma nevralgia sintomática, que mais tarde se transformou em essencial. Enfraquecida, tinha um estado neurastênico.

Erros de diagnóstico, e erros de tratamento, inclusive operações cirúrgicas, que lhe agravaram o sofrimento. Mais tarde, grandes abalos morais lhe trouxeram uma tortura, que se *converteu* em dores, já então francamente histéricas.

Curou-se no dia em que a análise lhe revelou os recalcimentos. Temperamento sensual em extremo; inteligente, corajosa, amante da verdade, e quase sem instrução nenhuma.

Sonho. — Ela encontra-se num café, em poder de malfeitores. Os chefes da casa eram um casal. Ela e mais uma companheira tinham que ganhar dinheiro com homens e entregar ao casal. Maltratadas, queriam fugir. Ela começou a subir uma escada úmida, coberta de limo, e lá em cima não havia saída. Começou a voar e foi pousar em outro café, também de bandidos."

A pesquisa de associações revelou que a excitação sexual foi a origem do sonho. A escada, o voo, etc. revelam o estado sexual. Ela é obrigada, pelo casal, a vender-se. Transfere, em parte, o desejo sensual. Julga-se maltratada. Mas êsse desejo não é a única energia orientadora da encenação onírica. Mais tarde, consolidada a cura, conhecida que foi a origem do conflito interno, que se converteu no sofrimento, foi possível completar a causa, as origens do sonho. Ela já tinha sido forçada a uma infidelidade, por um homem que ela amava. Tinha tido por isso a idéia de abandonar o marido, "para não enganá-lo." Nestas condições, pensara, apavorada, na sorte que a esperava, que era a prostituição; pois o homem, com quem prevaricara, ela o tinha na conta de mau caráter, de falso; ao contrário do marido, que ela julgava sempre de belas qualidades.

O temor dessas perspectiva foi a fonte donde veio a sua queda nas mãos dos "malfeitores" do café, onde ela, com "outra", tinha de "ganhar dinheiro com homens." A tendência sexual que induziu a *escada*, indo até ao voo, juntou-se a outra influência, que foi a *tendência para a liberdade*, a fuga: ela subia a escada para fugir, ela voou para fugir. Ora, um dos traços dominantes do seu caráter é o ideal de liberdade, convergente, aqui, com o voo, reflexo de tonicidade.

Sonho. — "Na rua X., era uma barbearia. Eu vi muita gente parada em frente da porta. Fiquei curiosa e fui com meu marido ver o que havia. Chegamos lá e vimos que era uma criança que tinha roubado uma navalha, e o barbeiro estava tirando da criança. Vendo o barbeiro, eu fiquei com vergonha, e disse ao meu marido que não olhasse para dentro."

A análise dêste sonho, cheia de tropeços ante a resistência que a doente apresentava em face da *navalha*, da *criança* e do *barbeiro*, não foi tão fácil como pareceu de início. A *muita gente parada*, que faz pensar no desejo de guardar um segredo; a *vergonha* ante o barbeiro, mal transferida para o roubo feito pela criança; a ordem dada ao marido, — que "não olhasse para dentro", foram os principais elementos, a conduzir-nos até à justa interpretação, mediante as associações.

Só mais tarde comuniquei a interpretação à doente, quando seguro de que a *transferência* era suficiente. A-pesar-do abalo, ela ficou completamente curada em dois dias. "Resulta de tudo isso", disse-lhe eu, "que a senhora cometeu um ato reprovável, enganando o seu marido, dentro duma casa como aquela, e daí vêm as suas dores."

Ela confessou a relação ilícita, e que realmente nessa ocasião sentira fortes dôres, que aumentavam depois, sempre que pensava no mau passo dado, ou ante os carinhos do marido. Houve uma *conversão*, e uma associação provavelmente.

A primeira camada de tendências descobertas em redor do núcleo psíquico é clara. O sonho é a figuração em imagens da tendência, insatisfeita então, de assegurar o segredo envolta do fato reprovável.

Mas o conflito interno persiste. E ela revela, mais profundamente, a coragem, a decisão de ir direito à muita gente parada, de arrostar o escândalo, de atender à sua curiosidade, sem desânimo nem passividades.

Por outro lado, durante a fase em que a doente se desligava da "transfêrência" que a afeiçoava ao analista, e devia produzir a cura, dentro de pouco, o orgulho, a inteligência, a independência dela forçaram-na a pedir-me conselhos.

Ora, se há ponto em que eu siga Freud com intransigência, é êsse preceito de me não arvorar em mentor direto e verbal do doente. Pelo contrário, procuro forçar o doente a fazer a sua auto-educação, diante das experiências do seu passado, que a análise descobriu.

Entretanto, é exato que a doente, sobretudo quando jovem, ou enfraquecida, tende a pôr sôbre os ombros do médico a responsabilidade da sua orientação, isto é, nas condições desta, ela procura saber do analista se "deve sacrificar-se junto do marido, que pouco ama" ou ficar "isolada" e sem ligação com ninguém.

Não indiquei nenhuma das direções. Mas discutí-las não foi difícil, à própria interessada:

— A pessoa que eu amo foi traidora, e baixa, e me forçou a um passo que eu não desejava... Mas eu me sinto atraída, e daí meu pesar, pois meu marido é bom, e eu não lhe quero mal.

— Neste caso a senhora reconhece que a atração para o estranho não está de acôrdo com as suas idéias e sentimentos nobres.

— Quem caiu, como eu, pode ter tais sentimentos?

— A prova, de que os tem, é que a senhora mesma ficou doente porque reagiu contra o êrro de um momento. Isso lhe deu um estado de aborrecimento, um conflito na alma. E isto é que lhe produziu a doença. Tanto que, se a senhora tivesse deixado o seu marido e aceitado ir morar com êsse homem não tinha adoecido.

— Mas eu não posso prometer-lhe que, vendo êsse homem, não sinta amor...

— Nem preciso, nem quero promessas a mim. A senhora deve fazê-las a si própria; mas deve pensar neste fato — que não há nenhuma pessoa casada, neste mundo, que algum dia não tenha visto outro ser humano que tivesse atrações diversas da que apresenta o companheiro do casamento.

Diante disto, os animais, o cachorro, não se contêm. Mas não são casados, não estão sujeitos a ter de educar filhos, e não fazem questão da nobreza, pela qual morrem os homens.

— Mas eu penso assim... mas é que, por isso mesmo eu não me sinto digna, ficando com meu marido sem lhe contar tudo.

— Conte ou não conte, se a senhora tomar o partido de forçar a sua dedicação a êle, que a senhora amou com loucura, e que talvez ame ainda, que fará a senhora? Viverá só para êle? Ou viverá um pouco para o seu próprio conforto moral, reparando o insulto e o engano que lhe deu, ao companheiro leal, considerado belo e digno?...

Eu não lhe quero dizer o que penso. Basta que a senhora EXAMINE as suas inclinações mais duráveis, lembrando que a senhora pode ser traída pelos seus

impulsos para seguir o seu coração, pensando; porque pensar é próprio do homem, e da mulher também. Se o cachorro pensasse, antes do ímpeto, faria atos divinos.

— Então diga-me o que é um ato divino, pois que eu penso que o sr. não acredita em Deus... ainda que talvez eu esteja errada.

— Divino seria o procedimento de quem arrosta o perigo do próprio sacrifício... para a felicidade de quem é digno, ou vive procurando o conforto moral da perfeição.

— E por que é que o senhor não me diz que devo fazer êsse sacrifício?

— Mandada fazer, sugerida, já não tinha o mesmo valor, ou duração. A senhora deve seguir profundamente os seus afetos e mesmo os seus impulsos. Mas não às cegas. Eu talvez o dissesse a uma criança. Porém a senhora é inteligente, tem coragem, e não é ruim como quer pensar às vezes.

No outro dia, ela me trouxe, nestas imagens, a influência dêste diálogo:

Sonho. — Eu estava conversando com o doutor, êle estava me abraçando, e dando um conselho muito bonito. Êle me perguntou: a senhora não lembra que um dia me disse que, por sua mãe daria a última gota de seu sangue para lhe poupar algum desgosto?

Eu respondi que sim. Êle disse: "então deve fazer tudo pelo melhor e não brigar." Eu encostei a cabeça no peito dêle, e fui perdendo os sentidos bem devagarinho; e me sentia tão feliz, tão conformatada!...

A primeira fase da interpretação deu facilmente o seguinte resultado: a doente realizou no sonho o desejo que na véspera manifestava; ela me atribue o ato de lhe dar o conselho, que, como vimos acima, ela chegou a pedir, e eu evitei dar ou sugerir diretamente. Mas há outra fase.

Ela achava tal conselho *bonito*, o que prova que o desejava, e que lhe não destoava do lado bom do seu caráter, ou não lhe contrariava o ideal.

O *sacrifício*, idéia que apareceu em nosso diálogo, dissimula-se, com os laivos de nobreza da véspera, nas palavras que ela me põe na boca em sonho: "A senhora não recorda que um dia disse que daria por sua mãe a última gota de seu sangue para lhe poupar algum desgosto?"

Mas o fato é que me obriga, no drama onírico, a lhe dar diretamente o conselho: "faça tudo pelo melhor, não brigue!"

A análise descobriu que essa *briga* se refere ao possível rompimento com o marido.

O conforto final, porém, não é só o prazer de realizar a intenção, de me obrigar a lhe dar o almejado conselho, de forma que ela passivamente tivesse uma direção moral. Ela achava o conselho "muito bonito", e sentia-se aliviada do conflito moral; porém, se eu, na verdade, na véspera lhe sugerisse ou ordenasse uma solução diretamente, ela não teria meditado livremente nas razões profundas e pessoais da decisão que adotou. Nesse caso, ela não teria como achar tanta beleza e elevação na atitude que escolheu e que, em sonho, me conferiu a mim.

Os ímpetos do seu afeto foram, nisso, orientados pela consideração da sua experiência, e ternura, o que se verifica pelo surto da imagem materna dentro do cenário onírico.

É indagando as relações entre essa elaboração do sonho pelo sentimento, de um lado, e, por outro lado, as aspirações particulares do seu caráter, verifica-

se outra energia orientadora dêste sonho no *ideal* dominante da paciente. E tal vem a ser a *segunda fase da interpretação*.

Em resumo, e para aludir ao que foi dito no começo deste capítulo (página 145), a paciente *orientou êste sonho por meio de intenções e subintenções da véspera, dirigidas sobre imagens recentes ou suas constelantes.*"

A intenção vinha do desejo de me obrigar a lhe impor ou dar uma solução, um conselho. E isso aparece na primeira fase da interpretação.

A subintenção consistia na sua aspiração de conduta bela, de verdade e de coragem na vida. Aspiração subconciente, vaga.

Por aí se pode ver o que acima procurávamos observar: que *o ideal subjacente ao sonho, dissimulando-se no arranjo das imagens, faz inesperados esboços de estética.*

Do mesmo passo ainda se ilustra nesta análise uma afirmação que deixámos no princípio do primeiro capítulo. E é que a beleza depende da expressão da "luta por um ideal" ou, até, da mera alusão a uma luta pelo ideal, mesmo a uma luta sem vitórias.

Eis aí o resumo da cura analítica, e da demonstração, contra Freud, da influência de ideais elevados, subjacentes à realização de desejos sexuais descobertos no primeiro plano dos labores da análise. Entretanto, para aceitar isso, é preciso repetir as ressalvas primordialmente feitas no início d'êste capítulo: quanto à necessidade de participar da vida profunda da paciente, nas condições em que se faz uma cura demorada, e quanto à conveniência de haver acompanhado antes, e principalmente depois do tratamento, a pessoa tratada, a-fim-de poder confirmar suficientemente os resultados da análise.

Isto pôsto, o nosso estudo, agora, será feito ao redor de certas palavras especiais dos sonhos e dos diálogos acima referidos. Aquelas, precisamente, cuja associação e cujos valores foram particularmente investigadas, antes, durante e depois de analisar e tratar.

Começemos com um exemplo. Mais ou menos um ano depois de curada, a referida paciente veio consultar para um pequeno, que criava. Sorridente, sem o leve constrangimento de logo após o restabelecimento.

— E a senhora? (pergunto-lhe, após); nada de novo?

— Perfeitamente. Passamos muito bem.

— Bravo! E nem perigos tem havido mais?

— Ah! as minhas loucuras!

— Bravo, outra vez! Por que lhes chama *loucuras*? Creio que antes não disse nunca assim; e até lhe parecia que loucura seria não atender a certas vontades, que tinha...

— Isso mesmo! Agora que passou, eu sou eu mesma, e as minhas vontades são para êste guri, para *êle*, (o marido), e para a minha vida.

— Está certo. Para a sua vida. Mas antes, nas crises, as vontades pareciam também para a *sua* vida...

— Sim, e por isso eram loucuras, eram vontades do demônio.

— Como? do demônio?

— Sim: furiosas, contra o que sempre fui, e contra o que eu esperava ser, e iludindo a gente...

— E a respeitô dêle? Como se sente?

— Bem.

— Não, não é isso que eu pergunto. Não tem surpresas, novidades, quanto à amizade?

— Creio que sim.

— Não tem inconveniente em dizer?

— Creio que a minha surpresa é ver que me sinto bem, dedicando-me a êle.

— Mas isso já havia antes.

— Sim, é verdade. Mas agora há uma descoberta. E' que a afeição é grande (digo séria, sincera), e além de maior, de mais forte, nota-se que já existia antes... ou não sei como diga. Ilusão, talvez.

— Não, desde que vem sentindo isso, por que há de ser ilusão?

— Mas parece que já existia, e não existia... Ilusão!

— Nem por isso. E' que o seu afeto agora enxerga mais longe. Abriu os olhos!

— Maneira de dizer, não?

— Verdade, simplesmente. Os seus sentimentos agora são os que lhe vêm de tudo, e não somente dum ímpeto. São os que lhe ajudam a ter vontades que não estragam nem a sua vida, nem a do "filho", do marido, ou das outras pessoas caras. Não é?

— Se não estivesse ficando assim meio complicado, eu dizia que é isso mesmo. Mas parece que seja assim, porque, de outro jeito, não se entende. O que não tem dúvida é que aquilo eram as minhas loucuras. Eu não me determinava, não sabia.

— Justamente: não sabia se orientar bem. Loucura, porque a senhora queria era desmanchar a sua vida.

— Isso mesmo.

— Agora, a senhora não quer mais cousas loucas. Portanto, a sua cura consistiu em deixar a vontade doída por uma vontade com juízo.

— Assim parece.

— Em deixar uma vontade que ia levá-la para o barro vermelho...

— Isso talvez não muito de pressa, eu não iria morrer logo!

— Eu disse mal, espere: -- uma vontade que iria arrastá-la para o barro preto...

— "Eco"! A lama!

— ...em deixar essa vontade má, por uma vontade amiga da sua vida.

— Eu não sei dizer. Deve ser isso.

A-pesar-de que isso é apenas um exemplo ilustrativo de confirmação dos resultados da análise, nem por isso deve-se esquecer tudo que aí fica levantado, na ordem psicológica, contra o princípio filosófico do "vampirismo" Klagesiano do Espírito.

Enquanto doentes, as pacientes apresentam uma crença oposta: elas julgam que o "demônio" é bom, é justo. Isto é, podem julgar que a vontade dominante no estado mórbido não é "loucura", mas uma coisa que vem, que toma conta delas, e que não pode ser curada com análise, palavras, abalos da paixão...

Pesquisas semelhantes levam a admitir que essa vontade mórbida se robustece pelas atrações de sentimentos, vagos, ou despercebidos da própria pessoa, e também pelo efeito convergente da repulsa a sentimentos de desagrado.

No caso vertente, a própria paciente revelou a sua sensibilidade às visões da energia, decisões, aventuras (que existiam em relação ao homem com quem foi infiel).

E, do mesmo modo, a sua impressão desagradável por não haver notado no marido atos de rebeldia, explosões de força, violências de reação contra certas indelicadezas.

Raramente, porém, elas admitem que tais agrados, ou desagradados, possam lhes haver dado um sentimento que explique a vontade mórbida. Mas não é de esquecer a serenidade dêsses sentimentos, em geral despercebidos claramente, como

se dá com a admiração de um trecho de paisagem habitualmente vista. A monótona repetição de uma contemplação agradável tende a torná-la subconsciente.

Há cousas que só quando faltam é que nós ficamos bem avaliando que nos eram ternas, agradáveis, e até amadas.

A conclusão é, portanto, que a vontade depende de sentimentos, e, através deles, do passado. E, como o nosso passado implica o meio físico e social, também depende do meio. E ainda depende da nossa constituição biotipológica, que, em parte, é função do passado. E, por esse meio, e dessa forma, a vontade não aparece como livre, em absoluto: ela encerra elementos em antagonismo, e êsses antagonismos (sentimento e vontade), guardam e compõem uma adaptação a uma condição favorável à vida. Tendem a defender a vida. E quando a defesa se exercita erradamente, ou quando um dos elementos destrói o outro, dá-se o que se chama a neurose.

O sentimento, portanto, influe na vontade. Mas a vontade (uma vez conhecida essa influência), pode aumentar, contra essa mesma influência, o seu antagonismo, e tender a libertar-se. Essa libertação, porém, é motivada pela consciência do referido sentimento, que gera um estado afetivo contrário.

Donde se conclue que a vontade só pôde libertar-se, da sua subordinação a sentimentos, mediante o *equilíbrio de antagonismos* criado entre o antigo e o novo sentimento (que é o contrário do primeiro).

O sentimento que influe na vontade da paciente P., e a leva a aceitar a responsabilidade de livremente escolher, sem ser mandada, é um sentimento de compromisso moral, com aspecto particular. A paciente vinha se justificando, na tentativa de se defender. Nas palavras e atos dessa justificação *foi ficando presa a compromissos morais*, que tendem a estruturar a personalidade nova, como a intenção, de *pássem*, gera o filem no encontro com ela. Tendem a inocular os pequenos defeitos, as pequenas faltas. Tendem a essa justificação dos atos passados, que é tão contraditória nas neuroses.

A própria analisada se sente bem, se equilibra, luta contra a inferioridade da sua posição moral perante o médico, mediante essa justificação dos seus atos maus, assim inocentados e explicados. Mas, para que ela consiga inocentar-se, é preciso ficar assente e inegável (em todo caso — fundamentado ou aceito), algo de bom e de nobre ou altruístico, em consequência e à sombra do que vieram a ocorrer os atos culposos.

Mas, para aceitar a explicação, como consequência dessas boas qualidades, o médico fica com o direito e a facilidade de desmascarar a doente, se verificar que ela está mentindo. Esta, por sua vez, tende cordialmente a cultivar aquela justificação, a desejá-la, a amá-la, e a amar o seu próprio destino, agora mais claro, e a sua própria vida, agora mais elevada. E como isso, e o aprimoramento disso lhe aparece como a sua verdadeira vida, ela procura, cada vez mais sinceramente, realizar melhor as linhas dessa orientação. E toda a sua felicidade ficará, assim, suspensa dessa realização. Ela tende a alimentar a sua alma, no sentido klagesiano, nesse estrito sentido. E isso é o fenômeno do que eu chamo o compromisso.